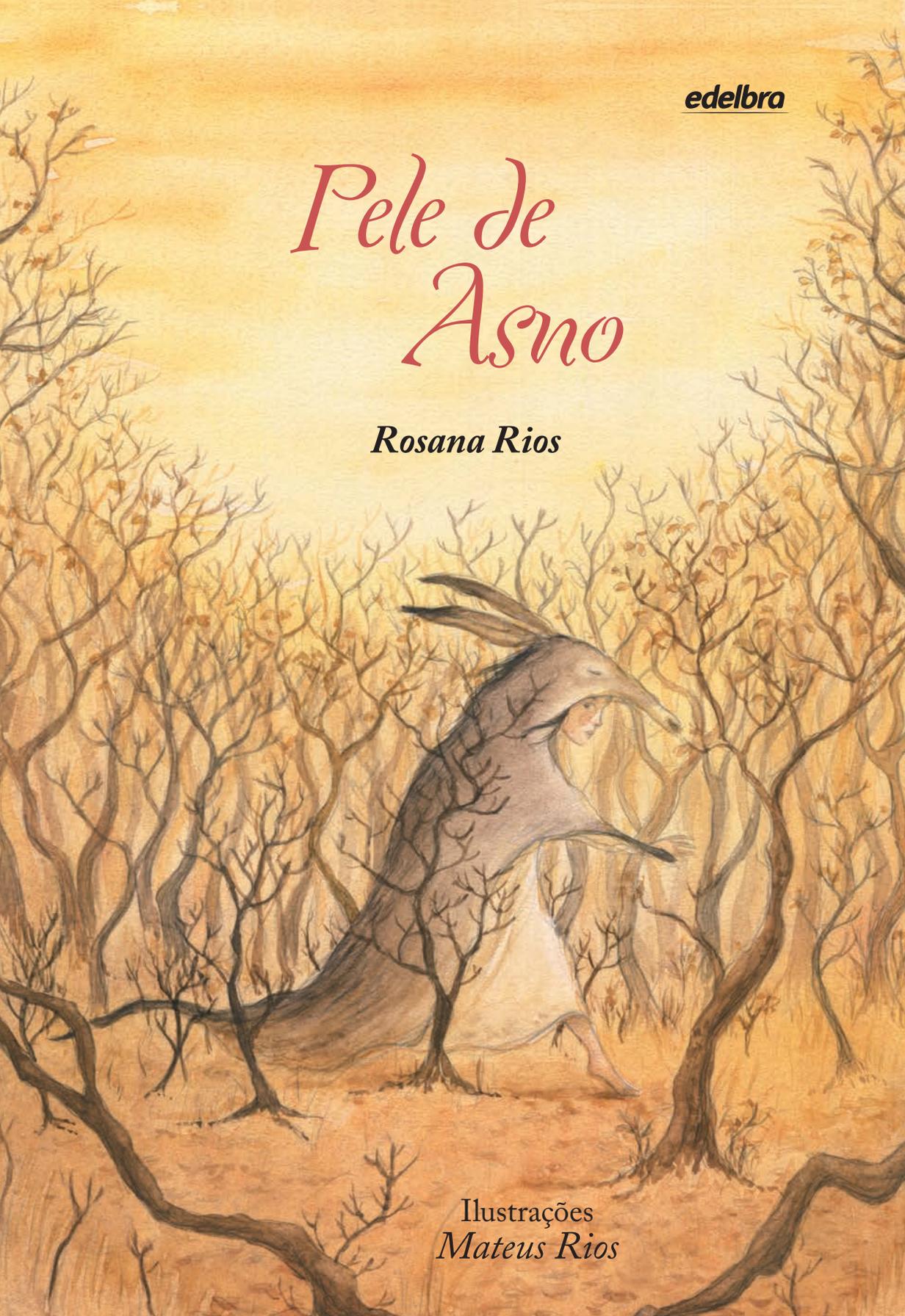


edelbra

Pele de Asno

Rosana Rios



Ilustrações
Mateus Rios

Pele de Asno

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação editorial:

Elaine Maritza da Silveira

Projeto gráfico:

YOYO ateliê gráfico

Revisão:

Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R453p

Rios, Rosana, 1955-

Pele de asno / Rosana Rios ; ilustração Mateus Rios. -

Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.

56 p. : il. ; 23 cm. (Quem foi que disse ; 2)

ISBN 978-85-66470-67-3

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Rios, Mateus. II.
Título. III. Série.

14-16061

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2014

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

*Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada,
por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.*

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

FSC

RESPEITE O DIREITO AUTURAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

Pele de Asno

Conto de fadas recontado por
Rosana Rios

Ilustrações
Mateus Rios



edelbra

RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98





Os contos de fadas são histórias muito antigas, que nasceram na tradição oral e viajaram por vários países, durante séculos, até chegarem aos livros. Por isso, cada conto é narrado de muitas maneiras diferentes. Um dos contos que tem várias versões é este, que apresenta um asno miraculoso, um rei que quer casar com a própria filha, uma princesa mais fedorenta que a mais suja empregada dos estábulos, um príncipe tão mimado que fica doente quando não obtém o que quer... são muitos os ingredientes deste conto clássico que aborda a humilhação dos poderosos até as últimas consequências.





edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

Houve um rei e uma rainha tão apaixonados que não imaginavam separar-se.

Mas a Morte não escolhe suas vítimas: ceifa igualmente pobres ou ricos, reis ou plebeus. E, quando a rainha ficou doente, percebeu que não viveria muito tempo.

No leito de morte, ela disse ao marido:

— Prometa-me que, depois que eu morrer, quando você se casar de novo, não escolherá uma noiva que seja menos bela e menos inteligente que eu.

O rei protestou, jurando que não tomaria outra esposa, mas ela tanto insistiu que ele fez o juramento de jamais casar-se com alguém menos bela ou sábia que ela. A rainha acreditava que, estando preso a esse juramento, ele jamais encontraria outra mulher.

Pouco depois, ela morreu. Inconsoláveis, o marido e a filha choraram sua morte.

Porém o tempo tudo cura, e, quando a mágoa real diminuiu, os conselheiros reais começaram a pressionar o soberano para que se casasse de novo. O reino precisava de uma rainha que lhe desse um herdeiro do sexo masculino, pois a falecida só tivera um bebê, uma menina.

Resignado, o rei concordou, mas recordou o juramento e anunciou que se casaria apenas com alguém que tivesse maior beleza e inteligência que sua primeira mulher.

Os conselheiros, então, buscaram princesas, filhas de famílias nobres, moças solteiras que cumprissem esses requisitos; e não conseguiram encontrar nenhuma que, aos olhos do rei, superasse em beleza e inteligência a rainha morta.

Muito tempo se passara na inútil busca, quando certo dia, ao andar pelo palácio, o rei viu ao longe uma linda e graciosa donzela que lhe lembrava muito a falecida esposa — no entanto era ainda mais bela, por sua juventude.

Ao aproximar-se, o soberano percebeu que se tratava de sua única herdeira; a garota já era uma jovem e ele nem se dera conta disso. Passou a observá-la. E não demorou a confessar a si

mesmo que estava apaixonado pela própria filha.

Quando comunicou aos conselheiros quem escolhera para ser sua próxima esposa, eles ficaram horrorizados e tentaram dissuadi-lo da ideia. A paixão, porém, tomara conta do rei e ele não admitia ser contrariado.

Mandou chamar a filha e comunicou-lhe a decisão.

Desesperada, a princesa correu para os jardins do palácio e se pôs a chorar, sem saber o que fazer para escapar aos caprichos do rei.

Foi então que uma velha senhora se aproximou e perguntou-lhe o que a fazia chorar tanto.

A princesa contou-lhe que estava destinada a ser esposa do pai. E a velhinha a consolou, dizendo:

— Você pode recusar a ordem de seu pai, e, ao mesmo tempo, fingir obedecer-lhe. Diga a ele que se casará, mas apenas quando tiver o enxoval digno de uma rainha: ele deve lhe dar de presente um vestido de festa que seja da cor do céu com todas as suas estrelas, e tão fino que caiba numa casca de noz. Não será possível conseguir tal maravilha, e você estará livre.



Animada com o estratagemas da mulher, a princesa fez ao pai esse pedido. O rei não hesitou: já contando com o noivado, mandou convocar os costureiros e joalheiros do reino para ordenar-lhes que criassem o vestido celestial. Pôs à sua disposição seu tesouro, pois possuía uma fonte sem fim de riquezas — e que ficava nos estábulos reais.

Era nos estábulos que vivia um asno maravilhoso. O animal tinha a pele áspera e fedorenta, porém, uma vez por dia, quando fazia suas necessidades, em vez de excrementos, botava para fora moedas de ouro.

Com tanto ouro disponível, não demorou muito e os costureiros e joalheiros trouxeram ao rei o belíssimo vestido. Fora bordado com diamantes que reluziam como as estrelas do céu. De tão fino, ao ser dobrado, cabia numa casca de noz.

A princesa adorou a vestimenta, mas seu coração se confrangeu ao pensar que teria de cumprir a promessa feita ao pai. Foi chorar nos jardins e, mais uma vez, a boa senhora apareceu, consolando-a. Aconselhou que pedisse ao pai mais um

vestido: desta vez, um que fosse da cor da Lua e que também coubesse numa casca de noz.

O rei não se recusou; de novo convocou os costureiros e joalheiros e deixou que eles utilizassem toda a prata de seus reais cofres. O resultado do trabalho foi um vestido tão brilhante, que rivalizava com os raios de luar. E este também, ao ser dobrado, cabia numa casca de noz.

Consultando a velhinha sobre o que deveria fazer desta vez, já que o segundo pedido fora atendido, a princesa recebeu o conselho de agora pedir um vestido finíssimo, da cor do Sol com todos os seus raios.

O rei não estava gostando nada daquela demora para marcar o casamento, mas concordou. E deixou que os costureiros e joalheiros utilizassem a grande provisão de ouro do reino, cortesia do asno encantado que produzia moedas.

Quando o terceiro vestido ficou pronto, todos acreditaram tratar-se da maior maravilha já criada. Vestida com ele, a princesa parecia ela mesma o



irradiante Sol brilhando no céu. Estava, porém, desolada; e depois que tirou o vestido e o guardou em uma casca de noz, mais uma vez recebeu a visita da velhinha, que lhe disse:

— Só há um jeito agora, e é pedir algo que seu pai não consentirá em atender: a pele de um animal único. Peça que ele mate o asno que há em seus estábulos e que fornece ouro ao tesouro do reino. Ele não terá coragem de sacrificar o animal que o enriquece.

Porém, a paixão do rei agora se transformara em ideia fixa, e ele faria qualquer coisa para obter aquela união. No dia seguinte, mandou seus guardas entregarem à moça a pele do asno morto, como prova de que cumprira sua vontade.

E o casamento foi então marcado para dali a uma semana, sem mais adiamentos.

Naquela mesma noite, contudo, a boa velhinha disse à princesa:

— Antes que amanheça, enrole-se na pele desse asno, leve consigo apenas o que conseguir carregar e fuja do palácio. Se alcançar alguma terra distante e conseguir emprego em casas modestas, seu pai nunca a encontrará.

A princesa agradeceu os conselhos da mulher; enrolou-se na pele do asno, rústica e fedorenta, e levou consigo apenas algumas joias e as três nozes que continham os vestidos maravilhosos. Sem que os guardas se importassem com sua figura esgueirando-se para além dos muros, tomou o rumo da cidade e pegou a estrada que levava para fora do reino.

Quando, no dia seguinte, o rei procurou pela filha, ela já estava longe. E não adiantou que ele enviasse seus soldados à procura dela, pois em todas as estradas que percorriam e em todas as cidades a que chegavam, eles buscavam uma princesa fugitiva; nunca lhes ocorreu procurar uma mendiga envolta numa suja pele de animal.



edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

edelbra

bra

edelbra

edelbra



edelbra

edelbra

*Com a palavra,
a princesa*

edelbra

edelbra

edelbra

bra

edelbra

edelbra



Quando eu era garota, bem pequena mesmo, achava que tinha muitos problemas.

Por exemplo, detestava comer verdura cozida no almoço. Ficava zangada toda vez que minha mãe mandava dar meus brinquedos usados para os filhos dos criados. E morria de medo das broncas do meu pai quando não acertava os exercícios de matemática; papai sempre foi carrancudo e assustador, desde que era bebê. Eu ainda me achava a criatura mais infeliz do mundo porque o preceptor ia ao palácio para me ensinar matemática toda tarde, e eu não podia ir brincar nos jardins. Os filhos dos criados estavam lá, na maior alegria, enquanto eu tinha de me comportar como uma princesa e aprender todas as coisas que (eles diziam) eram importantes para uma moça nobre.

Rosana Rios

A primeira vez que li a história de Pele de Asno eu devia ter uns oito ou nove anos. Quando ganhei aquele livro lindo, ilustrado, logo me apaixonei pela história da princesa que escolhe seu destino e foge pelo reino disfarçada numa pele fedorenta, sem se importar por ter de trabalhar para viver. Para mim, isso era muito mais interessante que uma princesa esperar que um príncipe resolvesse sua vida! Naquela época, eu não imaginava que me tornaria escritora, e muito menos que um dia pesquisaria as várias versões dessa história para recontá-la ao meus leitores. Moro em São Paulo, onde nasci. Hoje tenho mais de 140 livros publicados, em quase 30 anos de carreira. No decorrer dos anos, consegui formar uma biblioteca enorme. E ainda adoro ler contos de fadas de todas as partes do mundo, em suas muitas versões, ilustrados ou não. São eles que alimentam os meus sonhos e os meus livros. Quer conhecer alguns deles? É só visitar o blog: <http://rosanariosliterature.blogspot.com.br>

Mateus Rios

Sou carioca e atualmente vivo em São Paulo, onde trabalho com ilustração de livros, cinema de animação e outros projetos bacanas que envolvem histórias e imagens. Fiz faculdade de audiovisual e logo depois comecei a ilustrar. De lá pra cá, vieram vários livros, prêmios, indicações e participações em catálogos e exposições no Brasil e no exterior.

Para criar as ilustrações para o *Pele de Asno*, trabalhei com a técnica de aquarela e guache sobre papel. Gosto muito de ilustrar contos de fadas, histórias muito antigas que chegam até nós com a mesma força com que tocaram os primeiros ouvintes. E que foram ilustradas por tantos artistas ao longo da história. Eu me sinto honrado em também poder fazer a minha interpretação para essas histórias. E, nessa leitura, gosto de fazer referência aos clássicos, mas também de buscar novos caminhos, brincando, pensando os personagens como atores em uma peça sendo interpretada no palco do livro.

Coleção Quem foi que disse

Contos de fadas recontados por
Rosana Rios

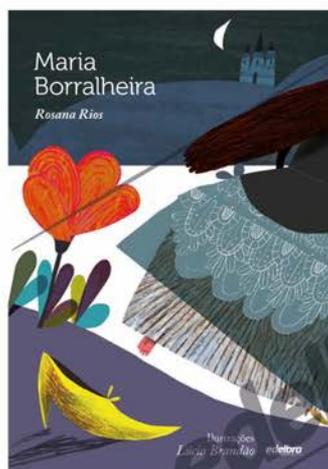
Contos de fadas fazem parte do patrimônio cultural da humanidade, e são muitas as versões que circulam pelo mundo inteiro. Nesta coleção, a autora vai além do reconto e dá voz a alguns personagens.

O que as princesas diriam? Que explicações dariam a madrasta da Borracheira e a sogra da Bela Adormecida para suas maldades?

A partir da alteração do foco narrativo, é possível mergulhar na história pelo ponto de vista das personagens, num exercício lúdico que amplia a leitura e instiga a imaginação do leitor.



*A bela no bosque
adormecida*



Maria borralheira

*Coleção
Quem foi
que disse*

Como se sentia a princesa diante de seu destino infeliz? O que pensava ela sobre os tempos em que a mãe vivia? E o asno, o que pensará sobre as atitudes dos humanos?

Uma mesma história pode ser contada de muitas formas. Depende de quem conta o conto...



edelbra

ISBN 978-85-66470-67-3



9 788566 470673